

poema de
Silvana Pinheiro

ode ao meu olho esquerdo

(a José Paulo Paes)

I

olhos são lâmpadas
do corpo
abrem luz
para os caminhos

se não iluminam
o passo trôpego
acendem tumulto
em todo o ego
deslocam vulto
redemoinhos

II

ó olho
que caíste em retrovisão
claro estilhaço
vidro dilacerante
em uma quase retina

por muitas mãos
passaste
dedos a recolher
os cacos presos
à conjuntiva

algum estrabismo
ainda lhe restou
a dupla imagem do mundo
espelho de si

a semi realidade
a quase ilusão

III

tateio, toco
permeio, noto
enganos

aqui estou
escuro
refúgio inerte
lentes ausentes
há uma venda
um véu
ainda por rasgar

IV

dê-me óculos
por favor
alinhe a órbita
dos meus olhos
irregulares
dê-me a mão
mais uma vez
se assim o tolerares
me guie
se me amares
fui quase deficiente
e ainda sou

V

cuspa em minha íris
dá-me tua saliva

vejo homens
como árvores

VI

a mão que toca canção
atinge a menina dos olhos
abre sulcos de visão
entre cílios irreparáveis
faz descer a pálpebra
que guarda o sono
descanso
alimenta sonhos
clareia manhãs

VII

não sou capaz
de dizer quem és
no entanto, digo
estava cega
agora, vejo

Silvana Pinheiro nasceu em Vitória, em 24/06/1965. Mestre em Estudos Literários, Graduada em Letras e Pedagogia. Educadora na Rede Pública. Autora de diversos livros infanto-juvenis e outros. O poema em questão está publicado no livro de poemas “Femear”, publicação independente, de 2014.